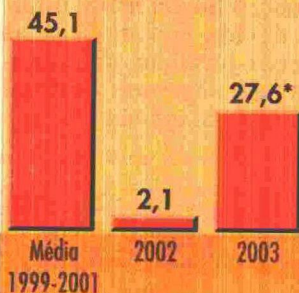
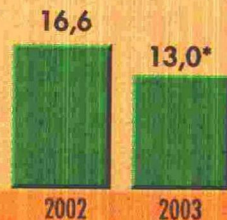


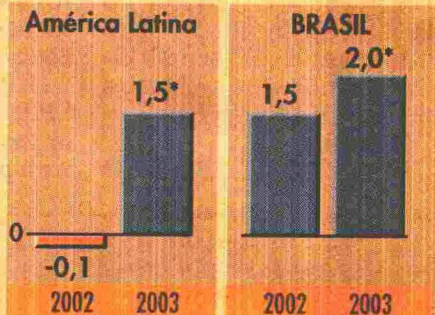
Fluxo líquido de capitais privados para América Latina (US\$ bilhões)



Investimentos diretos estrangeiros para o Brasil (US\$ bilhões)



Crescimento econômico (%)



*Estimativa Fonte: Banco Central, Ministério da Fazenda e FMI

Para Canuto, 'trunfo' é manter políticas

Segundo secretário, medidas econômicas adotadas são proteção contra crises externas

LU AIKO OTTA

BRASÍLIA – O Brasil tem um “grande trunfo” para se proteger das incertezas quanto ao desempenho da economia mundial: manter o curso de suas políticas domésticas. Essa é a estratégia que, até o momento, tem feito a diferença, para melhor, entre o País e as demais economias emergentes no mundo. “O Brasil tem esse ‘plus’ com relação aos demais emergentes e, à medida que evoluirmos na percepção de risco, teremos um quadro ainda melhor”, disse ao Estado o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Otaviano Canuto.

Em 2002, o Brasil mergulhou numa crise de confiança, que fez o dólar bater na casa dos R\$ 4,00 e o risco país, em 2.400 pontos. Ao final do ano, os temores quanto ao futuro econômico do País começaram a se dissipar, na esteira do bom desempenho da balança comercial e dos primeiros sinais mais concretos de que o governo Luiz Inácio Lula da Silva manteria uma linha de política econômica considerada responsável: austeridade fiscal, respeito a contratos, câmbio flutuante.

Com isso, o humor dos analistas e investidores “virou” e os indicadores externos do País entraram numa rota de recuperação. O risco país hoje está na casa dos 800 pontos e o dólar, em torno de R\$ 3,00. Isso fez a diferença do Brasil com relação às demais economias emergentes, acredita o secretário. “Nós não estamos melhorando só porque a economia em geral está melhorando; temos um diferencial dado pela mudança na percepção externa com relação ao País”, explicou.

A recuperação dos indicadores motivada pelo que ocorre dentro do País fez, inclusive, com que a economia brasileira passasse ao largo das incertezas geradas pela guerra entre Estados Unidos e Iraque.

Quando esteve no País, no início da semana passada, a vice-diretora gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Anne Krueger, fez uma avaliação semelhante à de Canuto. Ela disse que a situação econômica brasileira será mais determinada pelas medidas adotadas internamente do que pelo que acontecer no cenário externo. E ela voltou a elogiar a condução da política econômica brasileira.

Estar no rumo correto, porém,

é muito diferente de ter atingido o objetivo. “É claro que continuamos sendo um país emergente, portanto, não somos imunes ao ocorre lá fora”, reconheceu Canuto. “Mas, se for mantido o curso da política doméstica, uma eventual retração na média dos países emergentes será menos sentida pelo Brasil.” Algum efeito, porém, já começa a aparecer. Na avaliação da área econômica, os temores quanto a uma recessão mundial é que impedem a volta dos capitais de médio e

longo prazo para o País. “As contas externas nesse início de ano mantêm a trajetória de ajuste observada ao longo de 2002”, diz o Boletim de Acompanhamento Macroeconômico, divulgado

pelo Ministério da Fazenda nesta semana.

“No entanto, o fluxo de capital, em especial no que concerne às captações de médio e longo prazo, se não piorou em relação aos últimos meses, ainda não apresentou uma nítida recuperação.” As incertezas no cenário externo, diz o documento, podem ser apontadas “como principal fator de uma relativa demora na normalização das captações externas brasileiras.”

CAPITAL DE
LONGO
PRAZO AINDA
NÃO VOLTOU